

O SUPREMO *Cristo*

As festas passaram! O ano novo já é uma realidade. E agora? Para muitos, essa é uma pergunta intrigante, pois a entrada em 2015 não é a garantia de que 2014 se foi com as últimas celebrações. Na verdade, é bem possível (para não dizer “é fato”) que rebarbas do ano passado vieram para o presente. São dívidas ainda não saldadas, preocupações que não ficaram para trás, pendências relacionais que instalam no nosso coração uma resistente ansiedade, medos que ainda perduram, cobranças profissionais por resultados imediatos, enfermidades não curadas, promessas de mudança no relacionamento com Deus ainda por cumprir, e tantas outras situações que persistem em nos acompanhar mesmo depois de um novo ciclo da nossa história ter sido inaugurado. Esse quadro de coisas não resolvidas pode gerar profundos questionamentos em relação à própria fé: “será que vale a pena ser cristão?”; “Quando eu não era crente, nada disso acontecia. Não seria melhor retornar ao estado anterior?”; “Será que não estou me tornando um bitolado por buscar respostas na Bíblia, quando há muita literatura mais atual e especializada nos dilemas que estou vivendo?” Se estes questionamentos povoaram sua mente e, por isso, você tem se sentido o pior dos cristãos, deixe-me consolá-lo: algo parecido aconteceu há muito tempo e com irmãos nossos. É verdade que as experiências vividas por eles eram extremas. Mesmo assim, no final, eles se viram na mesma estação em que, talvez, alguns de nós nos encontremos – a da dúvida, a da vontade de jogar tudo pro alto, a do desejo de chutar o balde do cristianismo para bem longe. O que fazer diante de um cenário como este?

Creio que a resposta se encontra na carta aos Hebreus, aqueles irmãos aos quais me referi há pouco. Era gente que vinha do judaísmo e que, em algum momento, creu em Jesus como o Messias esperado por Israel. Como resultado, foram salvos por Cristo. Entretanto, a expressão prática daquela salvação atraiu duras perseguições, conflitos familiares, perda de bens e sofrimentos agudos. O negócio estava tão pesado que alguns começaram a se perguntar se não

seria o caso voltar para suas origens – o judaísmo – e retomar a normalidade da vida. O autor da carta aos Hebreus tinha uma resposta na ponta da pena: NÃO! Por que não? Porque Cristo é superior, Cristo é supremo.

Na introdução da carta, comprova-se que a revelação de Deus em Cristo é superior à sua revelação nos tempos do Antigo Testamento (Hb 1.1-4). O comparativo entre o antes (“Há muito tempo Deus falou...”) e o presente (“...mas, nestes últimos dias falou-nos) objetivava justamente conduzir aqueles irmãos cambaleantes na fé a esta conclusão para assim encorajá-los à perseverança na vida cristã. Se Deus no passado falou muitas vezes e de várias formas aos antepassados pelos profetas, agora, ele fala final e definitivamente pelo Filho, logo, este supera em muito os anteriores. E as razões não são omitidas: Jesus é o Criador (os profetas eram criaturas); Jesus é Deus em carne e osso (os profetas eram pecadores limitados); Jesus é o sustentador de todas as coisas (os profetas eram uma dessas coisas sustentadas); Jesus purifica pecados (os sacrifícios levíticos não eram capazes de fazer isso); Jesus é Rei e está vivo (os profetas eram súditos que morreram há muito tempo); Jesus é superior aos anjos (os profetas eram inferiores a eles). Conclusão esperada: “se Jesus é tudo isso que acabamos de ouvir, voltar para o judaísmo é um retardo, um retrocesso, uma inferiorização do nosso presente status, portanto, o melhor a fazer é perseverar”.

Essa deve ser a mesma conclusão a que devemos chegar: o melhor é PERSEVERAR. Por quê? Porque o Cristo que por sua palavra poderosa sustenta todas as coisas, tem poder para, em meio às nossas crises pessoais, nos sustentar também. Descanse nisso, siga em frente, encare 2015, persevere, pois aquele que cuida da gente nessa peregrinação é nada mais, nada menos do que...O SUPREMO CRISTO.

Pr. Abner Fortes
